

Sumário

<i>Agradecimento</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
Introdução	17
1. Falsas esperanças e expectativas infundadas.....	21
2. Ele é indissociável de sua palavra.....	37
3. Jesus decepciona a todos.....	51
4. A desajeitada conversa da oração	67
5. Dormindo ao volante.....	81
6. Grandes expectativas ou ilusão de grandeza?	97
7. Comer, beber e ter fome	111
8. Aceite esse trabalho	125
9. O trajeto da adoração	143
10. Felizes para sempre.....	159

Agradecimentos

Sou muito grato a Dave DeWit e Paul Santhouse pela amizade, incentivo e apoio, o que me motivou a embarcar neste projeto. Meu agradecimento também vai para Duane Sherman, Barnabas Piper e Johannah Hensler, por terem possibilitado que o projeto acontecesse e encontrasse um público. Também devo expressar gratidão a Mark Galli (da *Christianity Today*) e Brian Larson (ex-integrante da *PreachingToday.com*) pelo interesse em meu trabalho. Alguns capítulos deste livro foram desenvolvidos com base em artigos lançados primeiro nas publicações deles.

Sempre tive o privilégio de trabalhar com excelentes editores, e este projeto não foi diferente. Foi um prazer trabalhar com Ed Gilbreath, suas habilidades de escritor fazem com que seja uma alegria trabalhar com ele como editor.

Dedico meu amor e reconhecimento a minha esposa, Jane, que sempre atua como minha primeira editora, a crítica mais afetuosa e minha maior fã. Agradeço também a meu agente, Mark Sweeney, o empenho e o entusiasmo em meu favor. Acima de tudo, sou grato a meu Senhor Jesus Cristo. Os que nele confiam não serão envergonhados (Rm 9.33).

Prefácio

Toda criança vem ao mundo chorando.

A decepção não é algo opcional. Há muitos séculos um sábio já dizia que, assim como as fagulhas voam para cima, os seres humanos nascem para sofrer.

Às vezes, a decepção vem para frustrar desejos tolos e sonhos imaturos que merecem de fato cair no esquecimento. Sou imensamente grato por não ter tido resposta às minhas primeiras orações. Um dos meus desejos da infância era crescer e ser o marinheiro Popeye, mas hoje tenho uma centena de motivos para agradecer por isso não ter acontecido: um deles é que a Olívia Palito ficou bem menos atraente para mim quando me tornei adulto do que ela era quando eu tinha sete anos.

No entanto, às vezes, a decepção atinge nossas boas esperanças e nossos desejos admiráveis. Uma pessoa anseia profundamente por um casamento sólido, rico e cheio de vida. Outra almeja estudar e prosseguir na busca do maravilhoso conhecimento, todavia cresce em meio à pobreza, e a oportunidade jamais aparece. Alguém tem a esperança de se reconciliar com a mãe ou o pai problemáticos. Outro espera que o filho não morra.

Mas aí a decepção bate à porta.

Existe muita coisa sobre esse tema que jamais entenderei. Não há como explicá-lo sem hesitação; e as tentativas de fazer isso acabam sendo mais prejudiciais do que benéficas.

Mesmo assim...

Nenhum ser humano pode vir a ser uma pessoa completa sem a decepção. Dietrich Bonhoeffer escreveu que ninguém é digno de confiança para uma comunidade se primeiro não tiver sido *desiludido*, se não tiver matado as próprias ilusões acerca de uma comunidade de pessoas perfeitas e se não tiver sido despertado pela desilusão para seu chamado a amar as pessoas reais que Deus põe ao seu redor.

Em uma fase recente de decepção, li as seguintes palavras escritas há séculos por um conselheiro espiritual chamado François Fenelon (em *The royal way of the cross* [O régio caminho da cruz]):

Deus tem de retirar de nós aquilo que amamos de forma equivocada, insensata ou excessiva, aquilo que obstrui o amor dele. Com isso, ele nos faz chorar como uma criança de quem se tira uma faca com a qual poderia machucar-se ou até se matar. Gritamos desesperados e murmuramos contra Deus como uma criancinha malcriada contra sua mãe, mas ele nos deixa chorar e nos salva apesar disso!

Decepção é onde os sonhos morrem.

A Bíblia é uma narrativa de decepções. Para Israel, a maior decepção se chamou Exílio. No Exílio, o povo de Israel perdeu todos os seus sustentáculos espirituais: Templo, Jerusalém, sistema sacrificial, peregrinações, suas datas sagradas — perdeu todos os indicadores da presença de Deus.

Ainda assim, descobriu uma verdade estranha e onerosa: Deus às vezes se apresenta para nós em meio à decepção de um modo que não se apresenta em outras situações, porque na decepção sabemos que Deus é tudo o que temos.

A Bíblia, em primeiro lugar, não é a história da decepção humana. Curiosamente, ela é a história da decepção de Deus.

Nomeamos outros ídolos em seu lugar, e ele foi “*desapontado*” pela raça humana.

Contudo, esse mesmo *desapontamento*, que se manifestou plenamente na cruz em que o Messias rejeitado foi executado, transformou-se no supremo triunfo da graça.

Nestas páginas, John Koessler nos apresenta a estranha intersecção entre a decepção e a graça. Ele percorre a jornada tanto das Escrituras quanto da vida cotidiana. Minha esperança é que nestas páginas, assim como em momentos de decepção, a graça seja a mensagem surpreendente das entrelinhas.

JOHN ORTBERG,
autor de *A vida que você sempre quis*,
pastor titular da igreja
Menlo Park Presbyterian Church,
Menlo Park, Califórnia, EUA

INTRODUÇÃO

Na confluência da expectativa com a decepção

Tive uma amiga que falava com Jesus em sonhos. Ele aparecia inesperadamente, como um amigo que chega de repente para uma visita rápida. Quando perguntei o que Jesus lhe dizia nesses sonhos, ela apenas sorriu e balançou a cabeça como se isso explicasse tudo. “Esse é o meu Jesus!”, respondeu.

Acho que deveria ter ficado feliz por ela, mas não: fiquei enciumado. Embora esse tipo de coisa não lhe acontecesse todas as noites, a frequência com que acontecia era suficiente para me perguntar por que Jesus nunca havia aparecido nos meus sonhos.

Até que uma noite ele apareceu. Sentou-se na beira da minha cama com um sorriso largo e começou a falar. Ele não era como eu esperava. Usava túnica e sandálias, todavia os cabelos penteados para trás como se tivessem sido arrumados com o secador. Para ser sincero, ele parecia mais um surfista loiro da Califórnia do que o Jesus sobre quem leio nos Evangelhos. Além disso, o que ele falava não fazia nenhum sentido. Quanto mais ele falava, mais eu percebia que o que ele estava dizendo era um disparate.

Então, acordei. Eu havia ansiado tanto por um encontro pessoal com Jesus como os que a minha amiga tinha. Em vez disso, encontrei o seu *cover* hollywoodiano. Isso aconteceu há quarenta anos, no início da minha vida cristã.

Desde então, descobri que o Jesus descrito nos Evangelhos vai muito além daquele Jesus dos meus sonhos. O Jesus que encontramos nas Escrituras é mais surpreendente do que qualquer pessoa que possamos imaginar. Ele é enigmático e tranquilizador. Ele é consolo e pavor. É perplexidade para seus amigos e afronta para seus inimigos. O Jesus das Escrituras diz e faz as coisas mais extraordinárias. Não se parece com o Jesus afetado de Hollywood nem com o Cristo mal-humorado do qual muitas vezes ouço nas igrejas. Ele é a pessoa mais interessante que já encontrei. Ele é bem diferente do que eu esperava.

O mesmo vale para a minha experiência cristã. Acreditava que o cálice da graça não tivesse nenhum amargor. O que esperava da minha vida cristã pode ser bem resumido pelo antigo refrão do louvor que entoávamos: “Cada dia com Jesus é mais doce do que o dia anterior”. Desde então, aprendi que a verdade é mais complicada. Alguns dias são mais doces do que outros. Alguns não são nem um pouco doces. Alguns são apenas tediosos e uns poucos são mais um pesadelo do que um sonho realizado.

Com o passar dos anos, percebi que a igreja tem duas maneiras de lidar com essa discrepância entre a expectativa e a experiência. A primeira é nos convencer de que estamos equivocados. As coisas não são tão ruins quanto parecem. Deus está só esperando nos bastidores, pronto para fazer algo extraordinário. Tudo o que precisamos fazer é pedir-lhe, e ele resolverá todas as coisas. Se isso não acontecer, o problema está em nós. Assim como Peter Pan incitando o público a querer trazer Sininho de volta à vida, dizem-nos que precisamos acreditar mais, e tudo dará certo. A segunda é mais parecida com a dos fuzileiros navais. Essa linha de pensamento basicamente diz: “A vida é dura; aceite e dê a volta por cima”. Na minha opinião, nenhum desses métodos é útil.

Neste livro, tento evitar a teologia da Sininho e enfrentar com honradez a realidade das decepções na vida cristã. Quase todo

cristão que conheço se decepcionou com algo. Os cristãos mais sérios são os que mais sofreram decepção. Como explicar isso? Ao mesmo tempo, a minha mensagem não é “aguenta e diminua suas expectativas”. Na verdade, estou dizendo justamente o contrário. Acho que devemos *aumentar* as expectativas.

O objetivo do livro é você encontrar Jesus no lugar mais improvável: a confluência da expectativa com a decepção. O Jesus que você encontrar nesse ponto não é o Jesus dos seus sonhos, tampouco é o Cristo retocado do cristianismo popular. Ele é o Jesus enigmático e imprevisível da Bíblia. Você não se esquecerá dele.

Falsas esperanças e expectativas infundadas

Quando Jesus parece estar muito distante

*Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde
fugirei da tua presença? (Sl 139.7)*

A minha primeira grande compra foi um submarino. Eu o vi no verso de uma caixa de cereais, que alardeava sua proeza de ser um submarino que submergia “de verdade”. O poder do fermento em pó e essa pequena embarcação prometiam tornar-me um mestre dos mares — ou, pelo menos, da minha banheira. Eu tinha de comprá-lo, mesmo que custasse várias semanas da minha mesada.

No dia em que o submarino chegou pelo correio, levei-o para o banheiro. Com todo o entusiasmo que uma nova aquisição produz, abri a torneira. Rasguei a caixa e me dei conta de que o submarino era menor do que imaginara. Não importa. Deixei a água correr até chegar perto da borda da banheira, enchi o compartimento da base da embarcação com fermento em pó e a lancei na água.

O submarino foi direto para o fundo da banheira. Não mergulhou. Simplesmente afundou. Quando o bicarbonato de sódio começou a se dissolver, as bolhas de ar subiram para a superfície, e

de repente ele voltou à tona. Depois de alguns instantes, afundou novamente. A experiência trouxe novidade para mim, mas no geral ficou abaixo da minha expectativa. Fui tomado por uma onda de decepção e percebi que havia desperdiçado minhas economias em um brinquedo de plástico barato.

Quando me tornei adulto, deixei essas preocupações infantis para trás. A decepção, porém, não seria descartada tão facilmente. Pelo contrário, ela se adaptou às minhas mudanças de preferência, incorporando-se aos brinquedos mais complexos da fase adulta e intrometendo-se na minha vocação e nos meus relacionamentos mais estimados. Como pastor jovem e recém-formado no seminário, mergulhei de cabeça no meu novo trabalho com todo entusiasmo e esperança que senti ao abrir a caixa do meu submarino novo. Contudo, não demorou muito para perceber que minhas sublimes expectativas como pastor do meu próprio rebanho nem sempre correspondiam às necessidades corriqueiras da minha congregação rural.

No início do meu ministério, quando tentei apresentar aos presbíteros minhas metas de longo prazo para o culto de louvor, comunhão, evangelização e o discipulado, esperava que eles ficassem impressionados. No entanto, eles se entreolharam com ar de interrogação, até que finalmente alguém disse: “Sinceramente, não consigo entender por que você pôs evangelização nessa lista”. Bom, pelo menos eu tinha meus sermões. No início, sentia-me mais confortável nos estudos e no púlpito. Até que um membro da igreja me aconselhou a melhorar minhas mensagens: “Se o senhor não consegue comunicá-la em vinte minutos, é porque ela não precisa ser dita”, disse ao me cumprimentar após o sermão.

Meu trabalho, apesar de ser um ministério, mais parecia um trabalho físico extenuante. As pessoas que eu amava nem sempre me amavam. Às vezes, não dava valor às pessoas que me amavam ou as tratava com indelicadeza. Eu me propus fazer algo de mim e com isso glorificar a Deus. Contudo, apesar de ter feito todo o